ANO 2.° LISBOA—SABADO, 21 DE OUTUBRO DE 1922 N.° 474

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

OS POBRES

Aproximam-se os penosos dias de inverno em que o frio é maior nos lares, a miseria mais confrangente e a tristeza mais amarga para os corações sem esperança.

Os velhos, os doentes, as crianças sem carinhos e as mães abandonadas ou vitimas da má sorte vão sentir-se expostos a desgraças que os seus braços fracos ou exaustos não podem remover. Ha noites que duram seculos e seculos que se vivem no desespero ou na dôr duma hora maldita.

Felizes os que a fortuna abasteceu de recursos ou encheu de mimos e carinhos, podendo arredar de si com enfado até as imagens do sofrimento alheio!

Para estes a vida é macia como uma plumagem, tentadora como uma ilha misteriosa que sorri á curiosidade do seu descobridor. As viagens, os prazeres da arte e da literatura, as flôres raras ou perversas da civilisação, a musica dos sentidos e as tentações do amor tudo lhes cria e renova as sensações e o sabor das coisas.

Mas os pobres!... esses, privados do superfluo e do necessario, tomam á sua conta o drama ignorado, sem palco nem publico, das iumeraveis torturas humanas.

Na sua alma ha chagas que nenhum leprosos jámais ostentou. No seu corpo ha sulcos que a fome traça a frio na carne tenra dos berços ou das enxergas.

A morte seria para eles um remedio—uma total libertação. Cessava o côro dos ais e lamentos, as lagrimas ainda podiam refletir um derradeiro clarão duma ventura, mais do ceu que da terra.

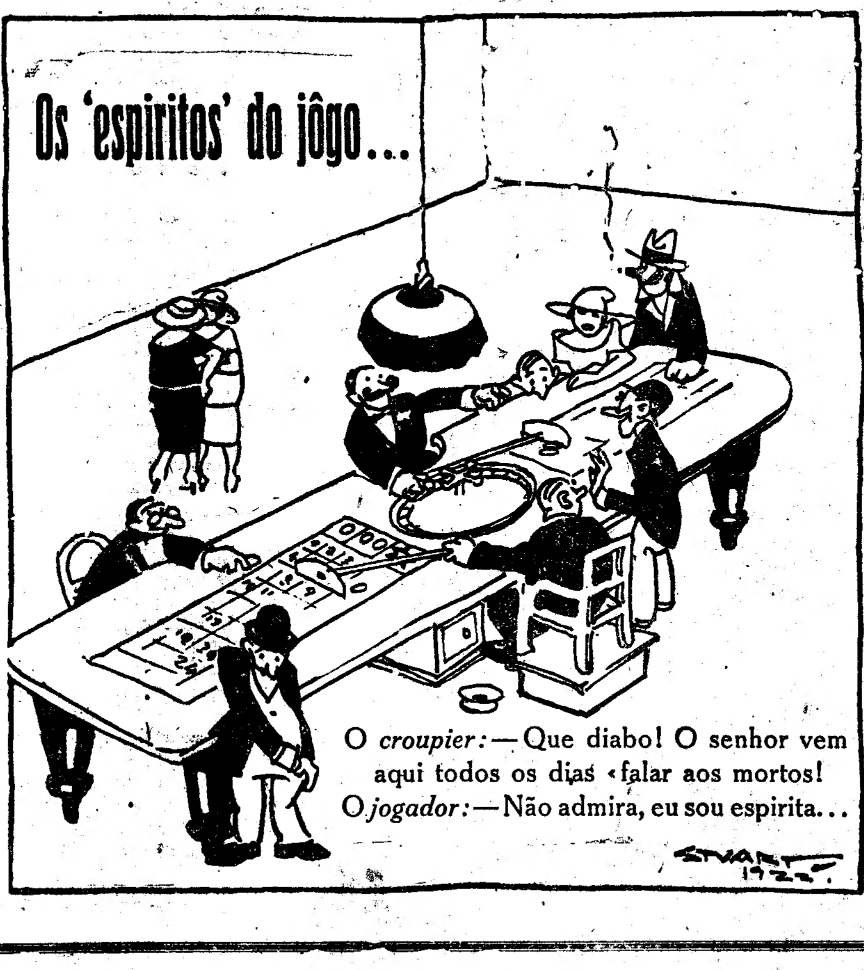
Infelizmente a morte não vem quando a chamam: tem as suas preferencias, os seus eleitos. Não se comove com o apelo dos desgraçados. E estes que, para quem a resignação é uma fatalidade, saboreiam a sua derrota de vencidos com a mesma embriaguez de humilhação com que os vencedores exaltam o orgulho da sua vitoria.

Não poderão os ricos ampara-los, socorre-los, a fim de que não percam o sentimento de que são homens?

E' este um dos seus grandes deveres. A sociedade equilibra-se pela pratica do bem e não pelo sucesso dos fortes ou pelo acaso das loterias. Quem dá aos pobres—aos famintos, aos enfermos, aas ignorantes, aos desprotegidos, aos orfãos e viuvas—o pão do espirito ou o do corpo, justifica-se perante Deus.

Assim se curam as feridas de muitas e muitas injustiças humanas...

Os 'espiritos' do jôgo...



O *croupier:*—Que diabo! O senhor vem aqui todos os dias «falar aos mortos!
O *jogador:*—Não admira, eu sou espirita...

NO governo civil, existia uma sociedade instalada numa sala confortavel, com optima mobilia fornecida em tempos pelo major Azeredo. Alguns civicos aprenderam o esperanto, obtendo aprovação em provas de exame. A sociedade estava em relação com as suas congeneres do estrangeiro — de Madrid, Paris, Berlim e Londres. E' possivel que dêla não viesse grande bem ao mundo, mas mal ninguem o esperava. Saldanha Carreira, que, no seu entusiasmo, é capaz de ensinar o esperanto ás estrelas, que só falam a linguagem do universo, mostrava-se incançavel nos seus propositos. Mas, como homem que fala, escreve e ensina o esperanto internacional, Saldanha Carreira é um rude caminheiro. Percorre as cidades e os campos, as terras barbaras e as civilisadas. Numa das suas ausencias de Lisboa, o sr. Viriato Lobo, nosso ilustre goveroador civil, que tem um fraco pelos gestos de força, soube da existencia da sociedade esperantista.—Para que presta *isso?* inquiriu êle. Feitas as indagações que lhe pareceram bastantes, mandou-a fechar.

— O que faz v. ex.ª, sr. governador.?

—Como o esperanto serve ao bolchevismo para fazer a sua propaganda, eu tomo as minhas precauções.

Saldanha Carreira, que veiu á nossa redacção expor-nos o nefando caso, disse-nos:

— «Não compreendo como o sr. Viriato Lobo póde admitir que eu, os meus cooperadores e discipulos nos prestariamos a servir de instrumento capcioso á politica dos «soviets». O meu desinteresse nestes assuntos é mais que conhecido.

«Unicamente queria habilitar a nossa policia com o conhecimento de uma lingua que muito lhe poderia aproveitar nas suas relações com as outras policias do orbe que sabem [illegible] esperanto.

«Foi mal apreciado. Paciencia! Espero, porém, que o sr. Viriato Lobo reconheça que foi pelo menos imprudente lançando uma suspeição infundada sobre uma obra meramente educativa» —.

* * *

NOS Bancos e casas bancarias começou já a venda de *coupons*, sem a prévia selagem dos titulos.

Isto, por superiormente se entender que tal selagem se não torna necessaria, pelo menos emquanto a lei não fôr regulamentada e assim esclarecida.

Está, pois, sendo livre a compra de *coupons*, independente da selagem dos respectivos titulos, o que deve constituir para os seus possuidores uma razão de maior confiança que lhes evite a exportação dos seus titulos e a serie de inconvenientes daí resultantes.

* * *

O lançamento do *Tamega*, que hoje se realizou com toda a solenidade, deu ás pessoas que a ele assistiram a impressão de que Portugal ainda é um país de marinheiros, apegado ás velhas tradições gloriosas das caravelas da India.

Quando o pequeno contra-torpedeiro entrou no Tejo, uma comoção forte pairou sobre milhares de pessoas que assistiram ao lindo espectaculo do noivado da quilha com a agua.

* * *

VEIO ao *Diario de Lisboa* apresentar os seus cumprimentos o sr. Lima Basto, que ha pouco deixou a pasta do Comercio. A sua obra, como ministro interino das Finanças, encontrou muitas simpatias a seu lado. Agradecemos a gentileza da visita.

O dr. Voronoff avança para a celebridade e para a fortuna, com o seu sistema de rejuvenescer os homens atacados de velhice precoce ou excessiva. Consiste em lhes enxertar glandulas, tiradas dos macacos. Os organismos decadentes reanimam-se. O coração palpita como que bafejado por uma nova primavera.

Não sabe ainda o dr. Voronoff se poderá prolongar a vida humana. Do que ele já tem a certeza é disto—que as enxertias glandulares reconduzem os velhos á mocidade. Em Paris aponta-se já como exemplo demonstrativo uma celebridade encanecida, crepuscular, que, depois de tratada, voltou ás suas distantes façanhas de galantaria.

* * *

NÃO acreditamos que haja entre nós quem, pelo facto de Sacadura Cabral e Gago Coutinho assistirem a missas e Te-Deuns celebrados em acção de graças pelo exito do *raid* Lisboa-Rio, se mostre disposto a contrariar as manifestações com que o povo da capital os vai receber. Tal procedimento não seria de livres-pensadores, mas de jacobinos *abrutis*. E' do nosso conhecimento a existencia de criaturas que espumam rabiosas contra o sobrenatural. Estas, porém, não contam, visto que lhes falta o pensamento e a consciencia.

Por isso, não acreditamos...

* * *

INFORMAM-NOS de Braga que rebentou uma bomba, nas trazeiras do predio onde está instalada o *Diario do Minho*, causando importantes estragos materiais. Protestamos contra tal violencia, se bem que não vejamos o rumo que ha de seguir o nosso protesto. A quem nos havemos de dirigir? A defeza da sociedade anda por mãos tão inhabeis que nós sentimo-nos dispostos a preguntar: — O direito á propriedade é contrario ao direito á propriedade?»

* * *

O P. R. P. continúa a encontrar dificuldades para a organização da lista dos seus candidatos ás eleições administrativas—camaras municipais e juntas gerais.

A razão deu-no-la ha dias alguem que conhece os homens do regime:

—«As chamadas competencias escusam-se, porque não estão para massadas. Ninguem quere trabalhar de graça. Os tempos heroicos da propaganda vão longe. Hoje cada qual trata de si e a cidade... que se arranje como puder.»

* * *

GUILHERME de Hohenzollern passa a segundas nupcias, tendo-se já realizado o acto civil, conforme diz um telegrama de Doorn. Não busca a felicidade, mas um certo conforto, no seu lar desfeito. Com estas disposições cristãs, não prejudica o insucesso das suas «Memorias».

* * *

PELO ministerio do Trabalho foi encarregado o dr. Adolfo de Azevedo Souto de ir a Espanha e a França, em comissão gratuita, estudar a organização dos serviços de assistencia publica, devendo no seu regresso apresentar o respectivo relatorio.

* * *

O DR. Mesquita de Figueiredo publicou o «Roteiro Pratico» para servir de guia a todos os que não queiram perder-se no mundo de documentos que é o «Arquivo Nacional da Torre do Tombo».

Pelo "sport"

JUNTO DAS REDES

A abertura da época

Começa ámanhã o campeonato do «foot-ball» de Lisboa. A época abre com dois bons desafios, em primeiras categorias. São adversarios, ás 13 horas, os «teams» do Belenenses e do Internacional. A's 15 horas encontram-se os dois antigos rivais: Sporting Club de Portugal e Sport Lisboa e Bemfica.

Tencionamos fazer deste ultimo desafio uma interessante cronica, que pela sua originalidade deve agradar plenamente aos nossos leitores.

AO SOM DO «GONG»

A nova Federação do «Box»

Foram ante-ontem eleitos os novos corpos gerentes da Federação Portuguesa do «Box». A eleição deu o resultado que segue:

Presidente: Rosa Brito; secretarios: Candido de Oliveira; tesoureiro: J. Carvalho; vice-presidentet Viriato Gonçalves.

Não podemos deixar de nos congratularmos pelo resultado da escolha, que recaiu sobre pessoas cuja dedicação pela causa do «sport» é por demais conhecida.

Constou-nos que Rosa Brito mostrou tenção de não aceitar a presidencia da Federação. Não lhe poderemos perdoar, se persistir no seu intento.

PELAS «PÉLOUSES»

Uma carta do Sporting Club de Cascais

Recebemos ha dias uma carta da direcção do Sporting Club de Cascais, que uma enorme falta de espaço nos tem impedido de publicar.

Aí vai ela:

Exmo sr. redactor sportivo do «Diario de Lisboa»: — Acabamos de lêr no «Diario de Lisboa», na secção que v. ex.ª dirige as considerações feitas sobre a vinda de mademoiselle Suzanne Lenglen a Portugal, para tomar parte nos campeonatos de «Lawn-Tennis, de Cascais, que desde ha 25 anos este Club vem organisando. Lamentamos que v. ex.ª se não tivesse informádo devidamente para fazer então a critica que lhe aprouvesse, baseada, é claro, na verdade dos factos. Para suprir aquela falta e para que tudo fique esclarecido em obediencia á verdade, pomos ao dispôr de v. ex.ª toda a correspondencia trocada entre mademoiselle Lenglen e mr. Borotra e a comissão organisadora dos campeonatos, lida a qual v. ex.ª certamente ficará convencido de que não foi uma «blague» a anunciada vinda a Portugal de mademoiselle Lenglen.

O «Seculo», quando noticiou a vinda de mademoiselle Lenglen, tinha conhecimento das «démarches» por nós feitas, e do convencimento em que estavamos de que ela se efectivaria, e foi com o maior desinteresse e a maxima gentileza que, a nosso pedido tratou aquele assunto.

Esperando que v. ex.ª depois de tomar conhecimento do que se passou, rectificará na secção que dirige, o que por mal informado fez publicar, e pedindo licença para nos reservarmos o direito de fazer o uso desta carta que entendermos por conveniente, somos com consideração, de v. ex.ª, at.º ven.[or] e obg. — *A Direcção do Sporting Club de Cascais*.

A falta de espaço com que lutâmos obriga-nos a adiar a nossa resposta para a proxima terça-feira.

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

DR. CARLOS DE MELO
Retomou a sua clinica.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

CRONICA FINANCEIRA

AS CAMBIAIS PROVENIENTES DAS EXPORTAÇÕES

AINDA MAIS LEIS? — NÃO SE ESTÁ A LEGISLAR DE MAIS? — PORQUE NÃO POLIR PRIMEIRO AS DEFICIENCIAS E NÃO DEIXAR AFINAR PRIMEIRO AS MEDIDAS LEGISLATIVAS QUE ESTÃO SENDO APLICADAS?

Aquele saber de experiencia feito, de que fá-la o livro grande das nações, tem ha muito convencido os portugueses da inutilidade, da ineficacia e até, por vezes, do maleficio de super-legislar.

Dessa convicção se chegaram, embora com demasiada lentidão, o compenetrar-se os proprios governantes.

Temos a prova disto numa passagem do *Diario do Governo*. Nos considerandos que procedem o decreto 8.206, emanado do ministerio das Finanças, sobre comercio de cambios e datada de 21 de Julho de 1922, se encontra essa confissão:

«O problema dos cambios é um daqueles que mais tem preocupado os governos do país e sobre o qual, ao sabor de desencontradas opiniões, mais se tem legislado. Forçoso é, porém, confessar que até hoje todas as medidas promulgadas têm resultado absolutamente ineficazes, porque estas teem sido dirigidas, não contra o verdadeiro mal, mas contra o seu sintoma.

« . . . .

«As conferencias internacionais de Bruxelas e Genova, nas suas conclusões relativas ao problema cambial, afirmaram que são infructiferas e até nocivas as medidas tendentes a criar corações artificiais.

«Baseado nas conclusões da conferencia de Bruxelas, foi promulgado o decreto n.º 7.104, que revogou toda a legislação até então estabelecida sobre materia cambial.

«O cambio continuou a agravar-se...»

«...Em face dos factos é evidente que os seus efeitos foram nulos: os entraves opostos ao comercio cambial livre, se por um lado prejudicaram a execução de operações legitimas, não impediram a especulação e surgiu logo o mercado clandestino de cambiais, que veiu colocar os estabelecimentos bancarios respeitadores da lei perante uma desleal concorrencia e as mais variadas cotações».

Levou-se anos a reconhecer esta axiomatica verdade nas esferas do Poder.

Criou-se o conselho de cambios, e os seus efeitos impuzeram a sua extinção.

Fixou-se cambio em 1921. As suas consequencias não tardaram a aconselhar que se abolisse esse regime de divisas artificiais. Voltou-se á fixação de cambios em 1922 e tornaram a repetir-se os fenómenos correlativos já experimentados em 1921.

Limitava-se as liberdades da industria bancaria, e a cada decreto verificava-se que se tinha dado mais uma machadada na nossa situação cambial. No bom intuito de perseguir a especulação, alentava-se o mercado clandestino, que é o grande campo de acção de todas as especulações.

O que se passou no mercado bancario ocorreu no campo economico; com os tabelamentos dos generos, com o tabelamento dos cereais que restringiram a cultura, verificou-se em todos os departamentos da vida, e, sempre que se legislava para remediar artificialmente os males reais.

Não quere isto dizer que se esteja num momento historico de cada país se aferrar ás suas magnas cartas. Mas quere dizer que nunca foi mais delicado legislar, e que quanto um país experimentou algumas melhorias, no seu sistema economico ou financeiro, mercê de qualquer medida, deve aperfeiçoá-la cautelosamente, não vá a ansiedade de a levar á suma perfeição tirar-lhe o muito ou pouco sumo que ele esteja a dar á economia da nação.

E' o que ha a desejar perante a disposição da entrega ao governo das cambiais provenientes das exportações,

Verificou o governo que essa medida dava bom resultado, com todas as suas dificiencias, obscuridades e arestas.

Mandava o bom senso que se aplicasse o governo a aperfeiçoar essa medida, sem lhe alterar a estrutura. Como se comporta o governo?

Ainda o não ssbemos, completamente, mas já se sabe o bastante para sentir que o governo se vai deixar inspirar por um sentimento ambicioso, que não é bom conselheiro.

O *Diario de Lisboa*, na sua oitava pagina de ontem, 6.ª feira, dava esta noticia:

O conselho de ministros prosseguiu hoje nos seus trabalhos da reunião de ontem, principalmente referentes ás novas providencias relativas á entrega, ao governo, de cambiais provenientes de exportações. Segundo nos consta, o conselho aprovou a redacção definitiva do decreto sobre o aumento, apresentado pelo sr. ministro das Finanças, diploma que deve ser publicado no Diario do Governo *de ámanhã.*

A hora a que escrevemos esta cronica ainda nos não chegou o *Diario do Governo* de hoje.

Ignoramos, portanto, qual a proporção desse *aumento*.

Ha dias que se ouvia falar nas intenções em que o governo estaria de levar o decreto da entrega de cambiais de exportação, ás suas extremas consequencias. Não faltava até a noticia de que se alvitrava a ideia de, num proposito fiscalisador, o governo tomar a si os serviços da exportação, substituindo-se assim no exportador. Esta medida seria mais uma, e gravissima, na vida comercial que a nossa balança comercial não tardaria a acusar de uma forma lamentavel e evidente, e seria a inversão de todo o sistema do trabalho nacional. Dada a experiencia dolorosissima da incompetencia do Estado nos Transportes Maritimos, não é mister dispor de grande imaginação para prevêr que tal medida seria o cáos — o cáos na nossa administração publica, o cáos na nossa riquesa exportadora, o cáos na balança comercial, o cáos de uma praça e de um país.

Tão absurda é que não lhe queremos dar crédito.

Mas que o governo pensa ou que até já resolveu aumentar a proporção das cambiais que o Estado se reservará no ouro proveniente das exportações, não ha que pô-lo em duvida, ante a noticia categorica deste jornal, nas informações das suas *Ultimas Noticias* de ontem.

Proporção desse aumento?

Os restantes 50 °|₀, como se anunciava, por aí, ha dias?

Grande erro seria!

Emquanto o Estado se reserva 50 °|₀ das cambiais, o exportador vai ao seu banqueiro, entrega-lhe o todo e obtem assim o melhor cambio.

No dia em que o Estado ficasse com a totalidade, o Banco de Portugal tornar-se-hia o unico banqueiro da praça para a compra de cambiais provenientes da exportação.

O que sucedia?

Que o exportador se sujeitaria ao cambio que lhe quizessem fazer, visto como desapareceria a concorrencia. Mas o exportador diria:

—Como é que o Estado me quere impor esse cambio (supunhamos) 3, se eu tenho quem me faça a 2 31|32?

E' isto justo? E' viavel? Tem o governo a certeza de que não irá provocar novas perturbações cambiais?

Duvidamos que o sr. ministro das Finanças insista pela entrega da totalidade das cambiais, porque s. ex.ª não deixou certamente de ponderar a serie de perturbações que daí viriam.

Até mesmo o aumentar a proporção da entrega das cambiais ao governo, sem chegar á totalidade, nos parece precipitação demasiada.

Não seria mais prudente polir deficiencias e absorvidades do decreto primitivo, que algumas tem, até tirar dele, por um maior e mais regular exercicio, todo o proveito que ao tesouro ele pode dar?

Só no sentido de aperfeiçoar o decreto já o sr. ministro das Finanças tinha bastante que fazer.

A pratica é que vai revelando, e fá-lo diariamente, as hipoteses não previstas pelo legislador, algumas curiosas, como esta, por exemplo: um individuo dirige-se a um amigo pedindo-lhe que lhe compre em Portugal qualquer mercadoria para seu uso ou consumo, uma pipa de vinho, um serviço de jantar. Porque o amigo não é abonado, ou porque ele não quere sobrecarregá-lo, e porque não se trata de um negocio, remete-lhe um cheque em escudos. O amigo faz a compra. Vai para exportar, e pregunta-lhe o governo:

—A sua cambial?

—Não tenho cambial nenhuma!

—Ora essa! Então o senhor vai exportar e não cobra a mercadoria?

—Não, senhor. Não tenho nada a cobrar porque o comprador me mandou o dinheiro adeantado para fazer a compra...

—Pois, não pode exportar.

O que ha de fazer esse homem? Naturalmente pedir ao ministro que dê providencias para esta hipotese.

E ha outras que, para não enfadar o leitor e para não tirar ao sr. ministro das Finanças o prazer de as encontrar na pratica, nos abstemos de alinhar aqui.

Limitamo-nos a preguntar:

Não se irá legislar de mais?

Não iremos recaír no êrro de superlegislação nesta materia que enfraqueça ou inutilise o melhor dos beneficios que á pratica comprovou poder trazer o decreto sobre a entrega de cambiais?

No logar—do que Deus nos ha de livrar!—de s. ex.ª o sr. ministro das Finanças, inspirar-nos-hiamos n'este prudente receio.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Asseca, D. Mariana Tereza da Costa Sequeira, D. Berta de Sousa e Vasconcelos de Carvalho, D. Maria José de Serpa Pimentel, D. Maria Ana de Castelo Branco e D. Lidia Gomes Coelho.

E os srs.:

Dr. Geraldin Antonio de Queiroz e Melo, Manuel Joaquim Alves Diniz e Eduardo José Lupi.

Casamentos

Pela senhora D. Alice Fernandes foi pedida em casamento, para o sr. Antonio Correia Duarte, a senhora D. Belmira Rodrigues Guerra, filha do sr. Joaquim Guerra e da senhora D. Amelia Rodrigues Guerra, de S. Pedro de Sintra, devendo realizar-se este enlace em abril proximo.

Festa infantil

No Estoril

Promete ser verdadeiramente encantadora a terceira festa oficial que este outono se realiza no «hall» das thermas do Estoril, organizada pelo nosso colega na imprensa sr. Francisco Pais de Sande e Castro.

Esta festa realiza-se na tarde de amanhã e a ela devem assistir todos os bébés da nossa aristocracia. Durante a tarde fazer-se-ha ouvir um belo sexte o num variado reportorio, emquanto as familias se deliciam com o chá da «Garrett».

Para breve está-se organizando outra festa, mas esta será á noite e deverá constituir um enorme exito mundano.

«Rendez-vous» elegantes

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» esta noite «soirée» da moda do Condes, na exibição do encantador «film» «O destino manda», pela celebre artista Gabriela Robinne.

Em viagem

Regressou de Brinches o sr. Antonio Biló Pissara de Ascensão.

—Regressou do Estoril, o sr. Luís Borges Bandeira de Melo e sua familia.

—Regressou de Biarritz o sr. Alberto Antonio de Morais Carvalho.

—Regressou de Santo Amaro de Oeiras o sr. Nuno de Albuquerque de Orey.

—Regressou de Vila Franca de Xira o sr. conde de São Paio.

—Está em Baião o sr. Antonio Ferreira Cabral de Louzada.

—Regressou de Santa Comba Dão a senhora D. Carolina Baptista de Oliveira.

—Regressou do Monte Estoril, o sr. Alberto de Morais.

—Está em Lisboa o sr. D. José de Bragança.

—Regressou ao Porto, ido de Barcelos, o sr. Francisco de Castro Monteiro.

—Partiu de Portela de Cambra, para a praia da Granja, o sr. Eduardo Pinho de Almeida.

—Partiu de Marco de Canavezes, para as Caldas de Moledo, o sr. conde de Leiria.

—Regressou a Lisboa a distinta medica senhora D. Branca Rumina.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Assembleia Geral Extraordinaria

A pedido da Direcção, convoco a Assembleia Geral Extraordinaria desta Associação a reunir-se no dia 23 do corrente, pelas 21 horas, na sua séde, rua do Mundo, 20, 1.º, a fim de deliberar sobre a atitude a seguir perante as estranhas exigencias contidas nas alterações e aditamentos ás posturas de 1 de Julho de 1921 da Camara Municipal de Lisboa, que constituem novos, pesadissimos, incomportaveis e ilegitimos impostos.

Lisboa, 7 de Outubro de 1922.

O Presidente da Assembleia Geral

(a) A. L. d'Aboim Inglez

ARTE & LETRAS

Trechos literarios escolhidos

do diplomata brasileiro Cardoso de Oliveira

Transcrição da poesia "O orgulho" e do soneto "A terra e a vida" do livro intitulado "Versos"

O Diario de Lisboa *honra-se hoje publicando alguns trechos poeticos do ilustre homem de letras, notavel espirito de diplomata, feito nas velhas côrtes da Europa, que é o sr. dr. Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil em Portugal. Em todos os tempos, os diplomatas de boa maneira souberam cruzar a lamina da intriga elegante da chancelaria com a bela e cerzida forma dos mais perfeitos motivos literarios. O sr. dr. Cardoso de Oliveira, diplomata moderno, já não usa os processos desautorizados de esgrima diplomatica, tanta vez equivoca; sincero amigo de Portugal e personalidade que imprime a todos os seus actos uma grande simplicidade dominadora, o ilustre Embaixador vem fazer entre nós a diplomacia da colaboração, servida por uma sinceridade que é um reflexo das cordealissimas relações luzo-brasileira. Mas se por este lado o novo representante do Brasil despreza os moldes da diplomacia classica, onde ele reflete o seu velho espirito elegante e desempoeirado, é, na maneira como se dedica a estudos de gabinete, enlaçando os seus ocios na cultura formosa das letras portuguesas, nas quais o seu talento e sensibilidade encontram um esplendido campo aberto.*

Os trechos que hoje publicamos são tirados ao acaso do seu livro Versos, *publicados em 1907, em Londres, edição brasileira.*

O TEATRO

Entremos num teatro:
Encantador ambiente,

Onde espelham á flux
Joias, sêdas e luz.

Uma real enchente.

Três pancadas. Silencio! Ilumina-se a rampa:
Em face, decorado, o proscenio se estampa.

Os actores declamam,
Ora nos fazem rir, ora as paixões inflamam.
Semelhante a um molusco em concha comprimido,
O ponto, sem descanso, atilado murmura;
E a todo o actor, o ouvido
Aprás acompanhá-la.
. . . .

Cáe o pano.

Ovações.

Comentarios.

A sala
Se esvasia . . .

Voltemos
A um teatro maior, á farta o conhecemos!
Nele vamos gosar
Da pequenina peça
Que ora nos interessa;
E aí sem presumir da dupla competencia,
Somos publico e actor.
O ponto é a Consciencia.
Cujo ditame, aliás . . .
Passemos a falar
Do repertorio: é rico; eterno e mui variado:
Dramas de sensação, a tragedia dantesca,
O monologo acerbo, os versos e o bailado;
Porém, principalmente,
A farça irreverente
E a comedia burlésca.

PROGRAMA

O Orgulho,
Drama
Em varias scenas
Pequenas.

Logar:
A nossa esfera.
Época:
A presente éra.

(E tambem pode ser
A passada ou futura. E' questão de escolher).

Personagem da peça:
—O Orgulho—
Unicamente,
Trazendo um duplo nome e traje diferente:
—O Amor proprio.
—A Vaidade.

Ambos da mesma edade.

A VAIDADE

I

A todos ofuscava
Risonha senhorita, um tipo de princesa,
De elegancia e viveza;
De quem a gente escrava
Até quizéra ser;
Dos olhos . . . que escrever?
Matadores, rivais do negro aveludado
Dos cabelos... «um manto e dois punhais»,
diria
Um vate exagerado.

E os labios? . . . Quem os via!
Rosa quente excitando indómitos desejos
De as desfolhar de beijos,
Quizera, ao menos, ser . . .
— Talvez um beija-flôr
Para sugar-lhe o mel . . .
— Graças, pelo favor.

Ser, porém, prefirira a brisa buliçosa
Para chegar de manso . . . e desfolhar a rosa!

Se alguem analisasse
A sedutora face,
A pele de setim,
Os dentes de marfim
O talhe delicado,
Ondulante, enlevado
Em primorosa veste
De seda azul celeste;
As finas mãos de fada,
E os pés . . . pés de caber num verso, de pequenos;

E quem lhe ouvisse a voz suave e aflautada,
Essa especie de voz que nos encanta e vence.
Queria contemplar e ouvir a propria Venus,
Trajada á parisiense!

II

Segredava-lhe o espelho amigo: — A natureza
Deu-te á mão-cheia um trono de beleza!—

Por isso desdenhava
Sem preocupação,
Do desalento, e dôr,
E tormentos de amor,
Que, ufano, semeava
Seu duro coração.

Raros mimos lhe dessem,
Embora oferecessem
Amor, nome, fortuna ou posições sociais,
Reflexionava:
—Não! Mereço muito mais! —

IV

,,. E a perfeita lindeza
Disse á pobre adeusinho e foi-se...

Que tristeza!

Os labios côr de cêra; a luz dos olhos baça;
Qual pergaminho velho e roido pela traça,
Esse rosto que outrora...

Te-la não mais quizera a gente por senhora.

V

Passaram-se alguns anos...
Amargos desenganos...

Até que um belo dia
Não quiz mais esperar, nem ficar para tia...

Conjugo-vos...

... Um homem
De rechonchudo abdomem,
Um patusco, um burguês,
Amigo e bom freguês
Do *Porte* e *Moscatel*, de marcas celebradas,
Burguês de tal humor,
Que, por provas de amor,
Lhe dava até pancadas.

VI

Sonhos da mocidade!...
Assômos de vangloria!...

Foi um dia a Vaidade
Ponto.

E acabou-se a historia

O AMOR PROPRIO

I

Maria era uma pobre e honesta costureira;
Passava a vida inteira
A trabalhar contente,
Pensando alegremente
No noivo, bom rapaz,
Folgazão, petulante,
Um escultor capaz
De renome brilhante.

A' noite, emquanto, á pressa, a destra agulha e a linha,
A's ordens do dedal,
Cosiam-lhe o enxoval,
Porque a mente da moça, em cheio, se embebia
Nas palavras que ouvia;
O artista se entretinha,
Horas e horas mansas,
A castelos formar sobre a futura vida,
«Um risonho ideal repleto de esperanças»,
Folgava em pedir;
Se a não fazia rir,
Deveras divertida,
A contar-lhe com chiste episodios jucundos.

Ia tudo a melhor pelo melhor dos mundos...

II

Como do mar sereno,
A' luz de um céu ameno,
Subita tempestade
Turba a tranquilidade,
Repentina, agitando a vida de Maria,
Passou a ventania:

Afavel corteză,

Caprichosa e ricaça,
Por fortuna imprevista
Do felizardo artista,
Que lhe caiu em graça,
Uma bela manhã
Serviu-lhe de modelo...

E o noivo... desde então,
Sem custo, amordaçou a voz do coração;
Deixou a pobresinha
A amargar, caladinha,
Sua aflictiva sorte
E a desejar a morte;
Para o rasto seguir da nimfa...
Perdigueiro,
Farejando o dinheiro!

III

O epilogo prevê-se; e é facil de contar;
Horas inebriantes!
Dias sentimentais!
E noites... inda mais!

O romance durou quanto sôem durar
Historias semelhantes.

Por fim, a namorada,
Bastante enfastiada
De ter sido fiel, com pasmo das amigas,
Mandou-o passear; atirou-o ás urtigas...
E fugiu com um inglês,
A quem proposta fez
De levá-la no *yacht* aonde ela bem quizesse;
E o Lord concordou:
—All right, dear, yes!—

IV

O do «risonho ideal...» assim abandonado,
Lembrou-se do passado;

Quiz ao mesmo volver...
E á porta de Maria, á pressa, foi bater.

Achou-a a trabalhar, como dantes...
E, em vão,
Suplicou-lhe o perdão.

V

Não se quiz convencer
Que de vez a perdera.

De novo a procurou; mas
Desaparecera.
. . . .

Não a tornou a vêr.

VI

Maria, anos depois, num longinquo povoado,
Definhando, morreu... de não haver perdoado!

A TERRA E A VIDA

A Terra, maternal e farta, não recusa
Seu sangue generoso a quem lhe rasga o seio;
A agua em rios se alastra, e o Ouro flue no veio;
Benigno espalha o sol calor e luz profusa;

No bosque ha verde e festa: uivo, zumbir, gorgeio,
Cantigas pastoris; e, livre, a rola cruza
Os ares a arrulhar. Pela Sombra, difusa,
Meiga poesia enleva e d'alma abranda o anceio!

...E na Cidade Augusta o Pobre luta e sofre,
A buscar, desvairado, a Fortuna... que o ilude,
Sem ver da Mãe Comum o inexaurivel Cofre!

Homem, filho do Amor, volve á Terra esquecida!
Ama-a, lavra-a, prospéra e gosa em plenitude,
Teu quinhão no Universo! E cria, e canta a Vida

CARDOSO DE OLIVEIRA

COLISEU DOS RECREIOS
ULTIMOS Espectaculos ULTIMOS
— da Companhia Italiana de Opereta —
HOJE — Ás 21,15 horas (9 1/4 da noite) — HOJE
Ultima e definitiva representação, a pedido geral, da opereta de grande sucesso
AGUA SERENA
A opereta mais popular do repertorio da COMPANHIA PANCANI
Deslumbrante marcha «aux flambeaux» — Magnifico grupo de bandolins e violas

Telefones do "Diario de Lisboa" { Redacção — C. 3194
Administração — C. 3195

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Alma da rua

Um pobre paria que corre as ruas do Bairro Alto, macrocefalo risonho e inocente que vende felicidade em ilusorias cautelas, que, como toda a felicidade se compra sem se acreditar nela—dizia hoje:

—Com este temporal, de quem eu tenho pena...' é das ruas...

Parece inventado. Se as ruas são para os miseraveis, os predestinados da vagabundagem, a grande amiga! Se nada ha como a rua, o tecto de estrelas, a lampada do sol, a casa ao ar livre, a cama de pedras, e a liberdade! Pois pode haver para o homem sobre a terra liberdade maior do que aquela que oferece a rua ao pobre diabo, *gavroche* ironico e cantante de todas as desgraças?

A rua deles não é a nossa, e dos *trotoirs*, a dos estabelecimentos, a das gentes apressadas, das mulheres bonitas e das carruagens incessantes e felizes.

A' rua deles—e que é a mesma—é outra. Bem outra! E' a rua mãe, a rua protecção, a que é toda deles, e dá sombra, portal, festa, ar, resignação. A que distribui sorrisos, galhofas, ironias, empurrões da policia, e sobre as lages da qual a lama em salpicos, que sai das rodas, os acarinha como chuva de estrelas.

Viver na rua, dormir na rua, vender a felicidade na rua, ter fome na rua, e morrer senhor de to lo o mundo, na rua, como os cães e as vozes da multidão ululante. Cousa bela!

Entre a rua e o paria há a solidariedade que só pode existir entre o leproso e a lepra, o sorriso e a boca da criança, a rosa e o sol da primeira manhã, a flôr de larangeira e a noiva.

Por isso eu compreendo a tristeza do pobre vendedor de cautelas. Para ele a chuva não é as ruas lavadas, os pobres tiritando, ele proprio morrendo de frio. Não. Para ele a chuva é um castigo demasiado que Deus impõe á «alma encantadora» da cidade, alma generosa, aberta de par em par ás revoluções, aos cortejos triunfais, ás rajadas de sol a pino, e aos banquetes de luar, nas noites quietas em que só os miseraveis e os namorados escutam Deus.

Lindo, sentencioso, apaixonado da rua! Eu compreendo agora, nas Pompeias arruinadas e lividas depois dos terremotos, a atitude dolorosa, sonambula, esfingica dos miseraveis, aqueles que, não tendo perdido lares, nem fortunas, nem edificios, nem uma arvore de fruto, foram os unicos que perderam tudo — a Rua — mãe generosa e santa, sob a qual, na hora dos silencios, depois do cataclismo, choram apenas as lagrimas dos parias e as lagrimas das estrelas...

Norberto de Araujo

DE LUTO

Manuel de Almeida

Faleceu ontem e será sepultado ámanhã o sr. Manuel de Almeida, funcionario superior dos correios, muito estimado pelo seu caracter leal e esplendido coração. A sua morte foi quasi repentina. Manuel de Almeida era esposo da sr.ª D. Mariana de Almeida e pai da distinta pianista sr.ª D. Conceição de Almeida. A's inditosas senhoras apresenta o *Diario de Lisboa* a expressão sincerissima do seu pesar.

O "PORTO"

chegou ontem ao Funchal

Chegou ontem ás 22 horas ao Funchal, o vapor *Porto*.

Gôta — Reumatismo crónico
Lamas — Duches — Banhos
ESTORIL-TERMAS

A CRISE DE HABITAÇÃO

UMA SCENA MISERAVEL

PASSOU-SE ESTA MANHÃ NO BAIRRO ALTO

Como um beleguim

ARMA EM VERDADEIRO CARRASCO

A TRAVESSA DA ESPERA ESTEVE ALGUMAS HORAS EM ESTADO DE SITIO

A travessa da Espera, aqui perto de nós, no Bairro Alto, foi hoje teatro de uma scena movimentadissima de despejo.—Despejo, neste caso, quer dizer: pôr na rua um inquilino que não convem ao senhorio.

Morava ali, no numero 52, — uma loja infamissima de desconforto e de miseria — um pobre homem, Francisco Dias Pacheco, seus cincoenta e tantos anos de trabalho honesto, num corpo franzino, amarelento, tuberculisado.

Era ele, a mulher, a sogra, e seis filhos, o mais novo de 3 meses e o mais velho de 12 anos, tudo naquele curral a que o senhorio dera o nome pomposo de moradia. Dantes, fôra armazem de retem duma mercearia pelintra. Depois, a vida encareceu — tudo isto levou a' volta que os senhores sabem — e, a certa altura, para ganhar mais, alugaram o cubiculo ao Pacheco.

* * *

O tempo passou, a carestia foi crescendo sempre, e, a certa altura, nem já o Pacheco convinha aos interesses do proprietario, a quem, provavelmente, melhores propostas haviam sido feitas.

O homem era, porém, dos que ainda se presam de cumpridores, e isso tornava um tanto dificil a execução do plano. Como ha de ser, como não ha de ser; a Boa Hora entrou em scena, arranjou-se um *truc* qualquer, e hoje, ás tantas da manhã, quando o homem estava no trabalho, caiu lá em casa um beleguim a pôr toda a tralha na rua.

Nós vimos. Parecia um assalto a uma casa de batota, apenas com a diferença de que, ali, era a miseria honrada do trabalho que se perseguia e nas tavolagens é a vadiagem doirada que se mete em apuros.

O tal beleguim — tipo de carrasco esfomeado, sujo, muito mal atamancado de educação e de trajar — chamou a policia e chamou os galegos e pôs-se a dizer, em nome da lei, que queria a casa despejada.

Senão... e ia desfiando um rosario apavorante de ameaças, que os policias secundavam.

* * *

Como era em nome da lei, puzeram-se cá fóra, na rua, os tarecos todos dos desgraçados—um mostruario completo da Feira da Ladra, a que nem faltavam os pregos, caiados das paredes, porque até esses se arrancaram de lá.

Juntou-se gente, começaram os comentarios, o mulherio deu em protestar, desejou-se o bolchevismo, disseram-se pragas e improperios; e, emquanto o oficial da justiça ia mudando a fechadura—não fôsse caso que a chave antiga desobedecesse, pela noite fora, ás determinações da autoridade—um policia ia, cá fora, distribuindo encontrões a esmo, muito senhor de si e do seu papel de potencia. Um oficial de estofador apanhou dois murros bem puxados por estar á esquina a lastimar a sorte dos despejados e... não ter chapeu na cabeça.

Depois chegou o Pacheco — tinham-no ido chamar á oficina — A mulher agarrou-se a ele numa gritaria, a chorar a sua desgraça e a dos filhos. Estes, de mãos postas, rojavam-se, de joelhos, pelo chão, a pedirem, num clamor de lagrimas, misericordia e compaixão ao homem da Boa-Hora.

O pobre pai quiz protestar, e faltaram-lhe as forças; quiz encorajar a familia, e caíu redondo no lagedo, com um ataque de que não sabemos a natureza. Na queda abriu-lhe brecha a cabeça; e para ali se ficou a esvair-se em sangue, sem dar acordo de si, a mulher a ampará-lo, emquanto o beleguim decidia:

— Ah! ele é isso? Espera aí que eu já te arranjo.

E foi á policia pedir reforço.

* * *

— Coitadinho do homem! Olhem que o pobre morre ali mesmo! Chamem um medico que lhe acuda — implorava o mulherio.

E o policia que fazia a sentinela á porta:

— Não é preciso; está lá o meu colega.

Um vizinho, o sr. Antonio Antunes Roque, recolheu as camas para que a chuva não as ensopasse; a criança de 3 meses, rotinha de todo e só embrulhada numa manta velha, passou de colo em colo, nos braços da vizinhança.

E o policia lá dentro a tratar da saude ao doente:

—Não sei para que vocês estão com isso! Se não forem para a rua a bem, vão a mal...

A mulher desfazia-se em lagrimas, o Pacheco estava livido como um cadaver, e o guarda ia-os encorajando:

—Se não puder ficar na rua, vai para o hospital; e vocês são todos presos, depois, por desobediencia á autoridade. Eu me encarrego de lhes arranjar a cama.

—Malandragem! A mim é que eles mo não faziam! Ladrões! Isto é uma pouca vergonha! continuava a multidão imprecando, na rua.

* * *

Mas regressou, por fim, o oficial de diligencias. Trazia uma *beata* ao canto da bôca e vinha com êle mais um policia com atitudes de decidido, um colarinho enorme a sair-lhe da gola do casaco. Como era impossivel pôr o doente na valeta, de mistura com a triste mobilia, foi-se buscar um trem, e lá o levaram, mais morto que vivo, a caminho do hospital.

A mulher foi com êle. Deixou os filhos, deixou a casa, deixou tudo, para se agarrar ao marido numa convulsão arripiante de chôro.

Os pequeninos, emquanto o beleguim fechavá a porta do cubiculo com a satisfação com que um triunfador medieval puxaria sobre si as portadas dum castelo conquistado, ficaram na rua a chorar, a chorar sempre, sem saberem bem se o pai e a mãe tinham ido para a *morgue*, se tinham ido para a cadeia.

E assim se fez o despejo.

Furto de 3 caixas com chapeus

Gabriela Angela de Vilhena, largo General Pereira Eça, 92, 1.°, queixou-se á policia de que, da sua residencia, furtaram três caixas com chapeus, no valor de 1.000 escudos.

Um incendio

A's quatro e meia da madrugada houve um principio de incendio na cozinha da residencia do sr. Maysés Levy, na rua Andrade Corvo.

Comparecendo os bombeiros, foi o fogo extinto com uma agulheta.

EM SINTRA

O HYMNO DA CARTA Á GUITARRA!

ALGUNS VIVAS Á MONARQUIA E CINCO PRISÕES

No governo civil colhemos as seguintes informações:

Ha dias, o administrador do concelho de Sintra oficiou para o governador civil de Lisboa, requisitando alguns agentes da S. D. S., a fim de procederem á investigação de um caso passado naquela vila, no hotel Bristol.

Acompanhava o oficio uma participação do seguinte:

Alguns monarquicos realizaram um jantar no hotel acima mencionado, para comemorar o anulamento de um processo contra o sr. visconde do Tojal.

Assistiram os filhos daquele titular e os srs. Daniel e Luis Quadros, José Maria Ribeiro da Costa, Fernando de Medeiros, Henrique dos Santos, Tomás Gonçalves Marrares e Alfredo Albino Pereira de Castro, os quais, findo o jantar, saíram para as ruas daquela vila, tocando em guitarras o hino da Carta, ao mesmo tempo que soltavam vivas á Monarquia e morras á Republica.

Dizia mais a participação que os referidos individuos tentaram arrombar as portas das residencias dos vultos mais importantes do partido republicano daquela vila, entre os quais Julio Periquito, presidente do Centro Democratico, e o comandante da G. N. R.

Foi encarregado de proceder ás investigações o agente Araujo, sendo presos José Maria Ribeiro da Costa, Fernando de Medeiros, Henrique dos Santos, Tomás Marrares e Alfredo Pereira da Costa, vindo os dois primeiros para os calabouços do governo civil e ficando os restantes no hospital de Sintra, debaixo de prisão, por se encontrarem doentes.

O sr. visconde do Tojal e seus filhos e Luis Quadros não foram presos, diz-se que por terem fugido, ao terem conhecimento de que se estava procedendo á investigação do caso.

«Lusitania»

Recebemos uma linda marcha intitulada «Lusitania», com letra e musica de Gaudio Viotti, solenisando a travessia do Atlantico. Agradecemos.

CAMBIOS

Dia 21

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	85$000	90$000
1|Londres, cheque	3	2 7|8
» 90 d. v.	3 1|16	—
Rio 1|Londres	6 3|32	—
1|Paris	1$329	1$387
1|Itália	$751	3$785
1|Bélgica	1$233	1$288
1|Suiça	3$261	3$404
1|Espanha	2$744	2$865
1|Berlim	4	
1|Holanda	7$011	7$317
1|Nova-York	17$907	18$687
Rio 1|Lisboa	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$600	1$800

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UM GREGO

ZAHAROF É UM AMIGO DE PORTUGAL

A VIAÇÃO ELECTRICA EM LISBOA E OS CARROS DE MULAS

A imprensa francesa tem atacado ultimamente com certa vivacidade o milionario sir Basil Zaharoff. Não admira. Como se sabe, ao passo que Lloyd George tem favorecido os gregos, a França mostra-se-lhes francamente hostil. Ora Zaharoff é um amigo do primeiro ministro inglês agora demitido, e á atitude deste, de franca benevolencia para com a Grecia, não é certamente extranha a sua influencia pessoal.

***

Para Portugal, para muitos portugueses, sir Basil Zaharoff não é um desconhecido. Alguem que com ele primou fornece-nos alguns dados curiosos sobre a sua personalidade:

—Sir Zaharoff, 72 anos de idade, mil milhões de francos de fortuna ha três anos, é filho duma senhora grega e naturalisado francês. Em recordação de sua mãe, distribue anualmente aos pobres gregos seis milhões de francos.

Tem o maior grau da Legião de Honra, pelos relevantes serviços, durante a guerra e um dos maiores graus da Ordem do Banho que como se sabe é dificilima de se obter.

A sua acção durante a guerra, junto dos aliados, foi importantissima, quer na parte financeira, quer na acquisição de munições. E tão importante, que o governo inglês tinha ás suas ordens um torpedeiro para atravessar a Mancha.

Devem-se á sua influencia todos os exitos de Venizelos, de quem é amigo e protector.

Vive geralmente em Paris, num magnifico palacio da Avenida Hoche, onde os seus banquetes são servidos numa baixela de oiro.

Muito apurado no vestir com grande gosto artistico, sir Zaharoff, gosa do maior prestigio no mundo financeiro e mundano. Tanto em Paris como na City, não se faz qualquer grande negocio sem ele ser consultado.

* * *

—Mas em Portugal, qual tem sido a sua acção?

—Tem, ajudado inumeros negocios. E' um grande amigo de Portugal. Mesmo agora está empenhado no aproveitamento da nossa energia hidraulica.

Zaharoff era um grande amigo do velho Conde Burnay, com quem se meteu em varias empresas. E' mesmo aos dois que Lisboa deve a sua rêde de electricos.

—Zaharoff um dia, convidado para jantar pelo conde, chegou tarde. Os carros de mulas levaram um rôr de tempo para o transportar ao palacio da Junqueira. O milionario ficou nervoso, mal disposto: —«Isto não pode ser! Lisboa precisa de uma rêde de electricos. Vou tratar disso». Efectivamente, partiu para Londres e, pouco depois, graças aos seus esforços começou em Lisboa a viação electrica.

Já depois da Republica, Zaharoff esteve em Lisboa. E um jantar com alguns fidalgos ofereceu-lhes toda a sua influencia pessoal e o dinheiro necessario para a restauração imediata. Delicadamente, dignamente, os fidalgos portugueses agradeceram a gentilesa da oferta, mas não aceitaram.

Lêr na 3.ª pagina

Trechos literarios escolhidos

do sr. dr. Cardoso de Oliveira, ilustre Embaixador do Brasil em Portugal, diplomata eminente que hoje entregou as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica.

JOALHARIA LORY, ROCIO 40.—Compra brilhantes, ouro e prata pelo maximo valor actual.

UM ACHADO MACABRO

50 QUILOS DE OSSOS

APARECEM NUMAS OBRAS EM XABREGAS

Reconstitue-se COM UM PEQUENO DADO DE JOGAR

UMA TRAGEDIA PASSADA HA DOIS SECULOS NO FUNDO DE UMA MINA

Em linha, cinco homens abriam a galeria, a golpes de picareta. O areal estendia-se, vermelho e humido e era frequente encontrar conchas fossilisadas, pedras com siglas, argilas com velhos rastros de animais. A mina tinha sido ao principio de ceu aberto. Depois, um veio de areia tinha levado os homens a cortar galerias subterraneas, escoradas fortemente por madeiros de pinho. A quinhentos metros do solo, a areia era mais fina, com grandes laivos amarelados, onde se encontravam pequeninos grãos de ouro.

Já em Almada, em tempos, o Tejo, pondo a descoberto o areal, deixava entrever uma poeira oirescente. E ali, Xabregas de ha dois seculos, descampada e erma, com pinheiros a segurar as dunas, o mesmo oiro aparecia, quasi imperceptivel, poeira fina de muito preço.

O capataz dos trabalhadores era um espanhol. Feição dura, tronco timbrado em bronze, nariz vasco, emigrante, a quem um naufragio engulira o varinel, frente a Cascais. Metia-se como o diabo, naquele dedalo de quinhentos metros intrincados, sob o solo, nos sitios onde a respiração se tornava ofegante e os olhos morriam, pardos e indecisos. Pelo tacto conhecia as rugasidades da mina, os filões schistosos e, por vezes, vinha lá do fundo, com um achado estranho, ou fosse osso que o tempo transformara em pedra, ou concha oblonga, com entalhes fundos duma data.

Andara-se já muito. Cada dia eram vinte metros de areia que escorriam para fora da mina baldeados ritmicamente pelas pás dos trabalhadores e que seguiam depois para Lisboa, que o terremoto assolara, agora Pompeia de escombros, cinza, lava e fogo. Os cinco homens tinham odio ao capataz. O seu saquitel de couro era sempre o mais cheio daquele pó precioso que, envolvido em areia, eles catavam nas horas do descanço, deitando-o de mão em mão, grão a grão.

Mas ele não se importava. Tronco forte, despido até á cinta, ruivo do contacto das areias, tomando como ela rubescencias fugaces de brazas, navalha fechada de lamina curva, pronta a abrir-se para levantar uma injuria.

O trabalho era pesado. Sitios havia na galeria, tumulo com oitenta metros de pedra por cima, em que a areia se soltava toda, em poalha seca, cegando as vistas, torturizando os pulmões que contraiam então, expelindo sangue. Receiava-se que a galeria desabasse toda, fechando a vida que ficava lá em baixo muito palida, apenas um hausto de luz, uma garganta de nevoa, á entrada da mina.

Cada homem tinha a sua candeia. A luz punha uma roxa cravina de chama, muito direita, suas quatro petalas desfeitas continuamente.

Sombras cruzavam-se, cresciam e tombavam, dedadas de tinta na areia, vultos esfarrapados aos cantos.

Aquilo era tragico. Havia muito sangue a arder, quando a areia jorrava. Muitos afirmavam que a mina tinha um espirito que o chamava, ameaçando-os, numa voz pavorosa. O capataz ria-se. «A mina a falar?... E' o eco das picaretas!» «Pois sim,—redarguiu-lhe uma vez um dos homens—mas havemos de ficar aqui todos.»

Ora, um dia de agosto, em que a areia queimava como um rio de fogo e havia sangue, brazas, chamas agudas como punhais, a um sabado por sinal, á hora do descanço, depois de terem falado no ouro, que era cada vez mais raro, um dos trabalhadores propoz que se jogasse. Ele tinha dados. Eram de marfim, marchetados de pequenos pontos negros, que lhe dera um marinheiro ha pouco regres-sado do Brasil.

O capataz comia, um pouco separado, ao sol escaldante da canicula que já acendera a peste na cidade. Convidaram-no. Ao principio recusou.

—O jogo é peior que o vinho, peior que as mulheres, peior que os touros das Asturias... Não, não jogo.

Passou-se uma hora, entraram na mina, e como a areia era boa, o espanhol, depois de acesas as candeias, colocou os trabalhadores em fila e deu-lhes o *ala!* O calor era brutal e sufocava, queimava, ressequia os musculos, tisnava-os. Parecia que, dentro das paredes, corriam rios de enxofre e pez.

Um homem tombou, enrodilhado em dor. Molharam-lhe o corpo em agua, que se evaporou logo num fumo leve. O trabalho era impossivel. As pancadas das picaretas eram mais raras, frouxas, cansadas. O capataz deu um grito: Parem! As ferramentas tombaram. Um homem foi ao farnel e trouxe um pichel de vinho. Beberam todos. Guela refrescada, um lembrou que se devia jogar, para descansarem. «Pois sim», concordou o capataz.

O jogo foi curto. O dinheiro era ouro em pó, miligramas e gramas. O espanhol quiz deitar os dados. Dez olhos pousavam sobre ele, sofregos, brilhantes e duros de calor e de cubiça. Ele ganhava sempre, sempre. Um gesto habil no revolutear os dados e a sorte era sua..

Ouviu-se um uivo, depois um silencio feroz. «Tu roubas ao jogo! Malandro!» Has-de morrer aqui! Dez homens caíram-lhe em cima. Forte, dorso atletico, o espanhol venceu prontamente aqueles corpos cansados, moles de calor. E na noite funda da mina, com ruidos de pequenas fugas de areia, o espanhol esfaqueou rostos, deu uma punhalada, outra, outra.

Então, de rastros, um homem agarrou na picareta, levantou-se, apagou uma candeia, a unica que bruxeleava ao fundo, foi-se ás escoras que serviam de colunas ao tecto da mina e, uma a uma, quebrou-as, rachou-as, cortou-as. A areia extravasou toda, como um rio a que subitamente se abrissem as represas. E a mina, ferida de morte, sem apoio, sem resguardo, afundou-se, num rumor espantoso, abafando seis corpos para sempre.

* * *

Um jornal da manhã dava hoje esta noticia:

«Numas excavações a que se anda a proceder na fabrica da Companhia dos Tabacos, na rua de Xabregas, foi encontrada uma porção de ossos humanos que pesam aproximadamente 50 quilos. Os ossos, depois de encaixotados, foram enviados para o Instituto de Medicina Legal».

Dois seculos guardou a areia a tragedia que se desenrolou no fundo daquela mina. Na Morgue revolvemos ha pouco as ossadas. No fundo dum craneo encontrámos um pequeno quadrado de marfim estalado, sumidas as pintas negras. Foi ele que nos ajudou a reconstituir o drama.

Os Teatros

A opereta «Miss Issipi»

A companhia Armando de Vasconcelos interpretou ontem no S. Luis uma opereta nova para Lisboa «Miss Issipi», original de Carlo Venegiani e musicada por Belinelli.

Agradou. Teve mesmo um exito que, a nosso vêr, lhe assegurará, entre nós, grande numero de representações. Tentando fugir—e conseguindo-o em parte—aos processos de todas as operas-comicas vienenses, «Miss Issipi» encerra marcações originais e vive principalmente da sua vivacidade que é muita, se exceptuarmos a falta de vivacidade que se faz sentir no quadro da festa sevilhana.

Auzenda de Oliveira na protagonista foi encantadora de intenção e de graciosidade. A actriz-cantora Aldina de Sousa, que reapareceu, interpretou com talento o seu papel. Sofia Santos, a nossa primeira caracteristica dos dos teatros de opereta, dispoz excelentemente o publico, Vasco Sant'Ana, actor-comico já consagrado pelo seu real valor, desempenhou o seu papel de «Omnifus» com perfeição. O tenor Sales Ribeiro cantou com relevo e Sebastião Ribeiro apresentou bom trabalho. Armando de Vasconcelos enscenou a peça de modo a merecer elogios. A tradução de Mario Duarte, Guedes Vaz e Alberto Morais, quasi boa.

Atrás do reposteiro

O actor Carlos Leal propoz ao seu colega Jorge Grave a realização de uns espectaculos, no Eden-Teatro, com a peça «A Severa», fazendo ele «O Custodia», com a condição da primeira recita reverter em seu beneficio. A proposta não poude ser aceita.

—O nosso presado colega Nobre Martins aceitou a proposta do seu amigo e empresario Lino Ferreira de se desempenhar do cargo de seu secretario particular em todos os seus negocios teatrais, já largamente espalhados.

—Está no Porto a actriz Tina Coelho, actualmente sem escritura.

—A companhia dirigida pelo actor Holbeche Bastos está actualmente representando com sucesso na Figueira da Foz.

—Por intermedio do empresario Arnaldo Figueirôa recebemos um magnifico programa da «tournée» Signoret, a estreia brevemente no Politeama. Agradecemos a gentileza.

—Está gravemente doente nosso antigo colega de imprensa Carlos Mendes, intimamente ligado a quasi todas as empresas teatrais, como optimo colaborador dos mesmos.

—Foi contractada para o Aguia de Ouro, do Porto, a actriz Adelina Fernandes.

—O actor Antonio Nascimento, do Nacional, festeja ámanhã o primeiro aniversario de seu filho Rogerio, afilhado do actor Rafael Marques, devendo realizar-se em Sintra uma pequena festa intima a que assistem varios homens de teatro.

—No proximo dia 25 do corrente partem para o Porto o «maestro» Vasco de Macedo e o mestre Francisco Santana, que fazem parte da companhia do Aguia de Ouro.

—A titulo de informação, devemos dizer que o cargo de comissario do teatro Nacional é remunerado com 41 escudos por mês, a despeito de se exigir que ele seja ocupado por pessoa de elevada categoria intelectual e das graves responsabilidades que lhe são atribuidas.

—O empresario José Loureiro chega a Lisboa, no «Almanzorra», no proximo dia 8 de novembro.

—No proximo dia 1 de novembro realiza-se no Eden-Teatro uma interessante récita de gala, em homenagem aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral e, possivelmente, com a sua presença. Nessa noite representa-se a peça «O Homem que assassinou», tradução de Oldemiro Cesar, havendo um acto solene, com a companhia toda em scena, em que Simões Coelho, que fez a «reportagem» da chegada dos dois aviadores a Pernambuco, descreverá o que foi esse inolvidável acontecimento.

—Está em Lisboa, com curta demora, o actor-empresario Otelo de Carvalho.

—Realiza-se ámanhã, ás 3 horas, no Salão do Conservatorio, a festa artistica do actor Ruy Metelo.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

1936	60.000$	1792	5.000$
8626	20.000$	1963	3.000$

POLITEAMA : HOJE

- A DAMA DAS CAMELIAS -

com **Palmira Bastos** no papel de protagonista

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º

TELEF. C. 1196

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

PAPEIS

IMPRESSÃO
ESCRITA
E EMBRULHO

FIO DE VELA

PAPELÃO PALHA HOLLANDEZ

IMPORTAÇÃO DIRECTA

TINTAS, nacionais e estrangeiras

OBJECTOS DE ESCRITORIO

VENDAS POR ATACADO **Pedidos a**

Casa Hollandeza

170, Rua da Alfandega, 172

Telegramas: SOUTELLEYA LISBOA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.^{TD}

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

NACIONAL METALURGICA, L.DA

LISBOA

Importante fabrica de torneiras e valvulas

Fundição e Cinzelagem de bronzes artisticos ◇ **Serralheria mecanica e civil, Forjas, Caldeiraria, Latoaria, Casquinharia e Nikelagem**

Nossas manufacturas em armazem para entrega imediata

PREÇOS VANTAJOSOS PARA REVENDA

Telefone Norte 4103

Esquentadores a gazolina.
Esquentadores a petroleo.
Torneiras de passagem, (valvula) de todas as medidas.
Torneiras de serviço, (valvula) para todas as aplicações.
Valvulas para Lava-louça, Lavatorios, Bidets, Banheiras, etc.
Autoclismos e semi-autoclismo, fundidos e de ferro zincado.
Alguidares, Baldes, Banheiras, Semicupios, etc.
Lindos e artisticos Centros de meza, Cinzeiros, Palmatorias, Paliteiros, Pisa-papeis, etc.
Ralos niquelados para todas as medidas.
Suportes para gravatas, Bengalas, Fitas, etc.
Toalheiros fixos e de movimento, com uma, duas e três hastes, optimo acabamento e solidez.
Torneiras de coluna, bico de pato, Sifões francezes para esgoto.
Sifões quadrados, redondos e ovais.
Torneiras para barbearias, de pescoço de cavalo e bica direita, com movimento e chuveiro.
Saboneteiras-esponjeiras niqueladas.
Grande saldo de assucareiros niquelados, proprios para cafés.

Rua do Bemformoso, 294

EM EXECUÇÃO

Grande quantidade de torneiras para casco e tonel de todas as medidas e sistemas. Todos estes artigos e muitos outros que constituem o enorme sortido da nossa fabrica são de esmerada manufactura, não receiando concorrentes nacionais ou estrangeiros. Dirijam sempre os seus pedidos á

NACIONAL METALURGICA, L.DA

ESCRITORIO, FABRICA E ARMAZEM

292, RUA DO BEMFORMOSO, 294 (Ao largo do Intendente)

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragem a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

RAPOZAS

E toda a classe de peles, curte por processos modernos (qualquer quantidade). Tinge em todos os tons, côres inalteraveis. Limpa com a maxima perfeição. Confecciona e tranforma pelos ultimos modelos. Tinturaria de fazendas. Preparação de mamiferos, aves, cabeças e meias cabeças para tapetes. Trabalhos perfeitos e garantidos. Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, Ltd. Fabrica em Bemfica. Escritorio, 49, rua das Pretas, 2.° (Esquina da Avenida).

Linfatismo-Doenças de pele-Banhos cloretados

ESTORIL-TERMAS

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido, confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confronto

Rua do Desterro, 17 a 29

Pelo Juizo de Direito da 5.ª vara civel de Lisboa e cartorio do 1.º oficio, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação deste no «Diario do Governo» e noutro periodico, citando o executado Wenceslau Henriques, ausente em parte incerta nos Estados Unidos da Republica do Brasil e cujo ultimo domicilio conhecido foi na rua Marquês da Fronteira, n.º 19, rez-do-chão, desta cidade, para, no praso de dez dias, a contar do dos editos, pagar no referido cartorio a quantia de 336$08, de custas e selos, em que foi condenado na acção de divorcio que lhe moveu sua ex-mulher Angelica da Costa Henriques, e dos respectivos apensos, ou nomear bens á penhora, pena de, findo aquele praso, se devolver o direito de nomeação ao exequente, o Ministerio Publico.

Lisboa, 11 de outubro de 1922.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito,
Pinto de Mesquita.
O Escrivão,
Souto Junior.

CARTOMANTE

ESPIRITA JAPONEZA

CONSULTAI este fenomeno, pois só ela possui verdadeiro poder para dar a felicidade, garante ser ela a unica e verdadeira espiritista em Portugal, até hoje não tem rival, alcança tudo por mais dificil que seja, assim como bons casamentos, reconcilia amores mal correspondidos e trata de mal oculto, vende bons talismans para sorte. — Trata com rapidez e seriedade. — Enviar nome e 3 escudos a **LADURETH, Caminho do Forno Tijolo, 28, r|c., E.**, das 11 ás 6. — Carro da Graça.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A CRISE MINISTERIAL INGLESA

M. BONAR LAW

APRESENTAR-SE-HA

ao Parlamento

DEPOIS DE AMANHÃ?

Sir Curzon e lord Derby devem fazer parte do novo governo

LONNDRES, 21

Foi oficialmente confirmado que Bonar Law aceitou a chefia do novo gabinete. Este, conferenciando com o rei, disse achar preferivel esperar que o partido conservador, a que pertence, o elegesse *leader*, mas o rei considerando que esta formalidade estava naturalmente assegurada, encarregou-o desde já das funções de 1.º ministro.

Espera-se que o novo ministerio fará a sua apresentação ao parlamento na proxima segunda-feira.

Os ministros sir Curzon e lord Derby que participaram no ministerio presidido por Lloyd George, cooperarão no novo gabinete.

Bonar Law tenciona não mudar, por emquanto, a orientação dada por Lloyd Georg á politica externa, a fim de se poder realisar o mais rapidamente possivel a conferencia da Paz do Proximo Oriente da regularisação dos debitos ingleses aos Estados Unidos.

No entanto, a crise ministerial ocasionará uma ligeira demora na partida da missão Horne, nomeada pelo governo britanico para, de acordo com o governo de Washington, regularisar definitivamente a questão dos debitos britânicos.

O *Evening Standart* publicou ontem de tarde uma entrevista com Bonar Law declarando este que as eleições se realisariam num praso muito rapido. O 1.º ministro tambem anunciou que o seu primeiro acto politico como presidente do ministério seria a apresentação ao rei de um decreto de dissolução do parlamento.

Os jornais londrinos relatam a carreira politica de sir Bonar Law, fazendo ressaltar a famosa mensagem enviada durante a guerra, á Camara dos Comuns, pedindo aos representantes conservadores de se unirem ao governo liberal presidido por sir Asquith.

A imprensa recorda o seu temporario isolamento da politica, motivado por uma grave doença e pela perda de dois filhos no *front* da grande guerra.—(*L. A.*).

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

APÓS 17 ANOS DE GOVERNO...

A demissão

do gabinete Lloyd George

e as suas consequencias para a Inglaterra e para a Europa

A queda do gabinete Lloyd George é um acontecimento mundial, mundial era aliás o facto de aquele estar senhor do poder ha 17 anos com uma curta interrupção. Mas neste momento a sua queda põe todos numa espectativa do futuro, que lhe dá um relevo muito maior.

Qual vai ser a orientação da politica inglesa? De aqui depende o futuro da Europa e mesmo do mundo.

Que Lloyd George caiu em virtude dos acontecimentos do Oriente não ha que duvidar.

Ora em que situação ficou a Inglaterra nessa questão? Numa situação decerto muito menos brilhante do que ela esperava, e que só os acontecimentos prepararam. A Inglaterra mostra-se hoje retraida e afastada da Grecia porque não pode perdoar-lhe que se tivesse deixado vencer. Toda a habilidade da politica de Lloyd George foi impotente contra o argumento decisivo da vitoria turca; apesar disso conseguiu que a Inglaterra não perdesse tudo, visto que se lhe promete solenemente que os estreitos ficarão sob a autoridade da Sociedade das Nações.

Sendo assim o que é que os inglesés censuravam a Lloyd George? O ele não ter podido ser mais inglês e menos aliado, ainda que se fale muito em salvar a Entente. Tanto assim que quando Poincaré teve de retirar de Londres por o primeiro ministro não ter cedido em materia de reparações, os aplausos saudaram-no de todos os lados; tanto assim que quando Lloyd George ameaçava quebrar a Entente para fazer prevalecer a sua politica, como por ocasião de Genova, a opinião estava toda com ele.

O que a opinião não perdoou, pois, a Lloyd George, não foi o de ter mandado tropas para o Oriente, foi esse envio de tropas não ter produzido todo o efeito que delas se esperava.

* * *

Posto isto examinemos como está a dar-se a substituição do primeiro ministro.

Primeiro é preciso notar-se que a sua escolha foi indicada ao rei por Lloyd George, depois que Bonar Law é um homem doente com insuficiente resistencia portanto para as formidaveis lutas que exige a solução dos terriveis problemas de momento.

Depois fere-nos logo a atenção os colaboradores de Bonar Law: Lord Curson, Lord Derby, Chamberlain; o primeiro que tem sido por assim dizer a sombra de Lloyd George, o segundo que o tem auxiliado sempre e estado em tudo a seu lado; o terceiro que ainda há dias, antes da demissão, pronunciou um formoso discurso justificando á politica do ex-primeiro ministro.

Tudo isto são indicações significativas; mas actualmente já há mais: Lord Curson e Lord Derby que prometeram o seu auxilio a Bonar Law, retiraram-se da Conferencia Preparatoria da Paz, segundo noticia o *Times*. Ora a Conferencia não podia ser abandonada senão por se não chegar a um acordo com os delegados franceses, diremos, porque a questão tem de ser resolvida pela França e Inglaterra.

Finalmente Bonar Law é conservador e tem seguido sempre mais ou menos a politica de Lloyd George. Entrou na coligação de Asquith quando o partido conservador compreendeu a necessidade de o apoiar; mas foi ele o «leader» da Camara dos Comuns na segunda coligação com Lloyd George, e prestou auxilio a este na Conferencia da Paz onde representou a Inglaterra.

* * *

A imprensa francesa diz esperar que homens novos encarem os problemas com espirito de os resolver; isto é, espera que o novo governo tenha um programa mais proximo do da França, sobretudo em materia de reparações.

Depois do exame que acabamos de fazer á situação politica britanica, parece-nos que ela não tomará o caminho desejado pela França.

O parlamento vai ser dissolvido e as eleições gerais realizar-se-hão brevemente. Assim, a escolha de Bonar Law dá-nos a impressão duma substituição momentanea que dê a Lloyd George ocasião de fazer a sua propaganda — que já começou em varios discursos—livre da oposição da imprensa que o não largaria, se se conservasse no poder.

A opinião falará nas eleições; mas quanto á esperança de que um governo inglês apoie a politica francesa intransigente, quer no problema russo, a opinião publica inglesa já o tem mostrado bem claramente que o não consentirá.

O gabinete de Lloyd George caiu com um pretexto ao pé desse, insignificante, tanto mais que a Inglaterra não perdeu tudo.

O QUE NOS DIZEM DE PARIS

O CONGRESSO

DOS COMUNISTAS

está reunido

NA CAPITAL FRANCESA

O delegado alemão fala do comunismo em França

PARIS, 21

Continuaram hoje as sessões do Congresso Comunista. O delegado Louvarine afirmou, no meio de grande entusiasmo, que o fracasso dos delegados da esquerda e do centro é manifesto e que as suas negociações não podem chegar a um fim.

Acusou o delegado Frossard de falta de influencia e por ter feito uma grande intriga ao anunciar a sua demissão antes de reunir o Congresso.

O delegado Frossard justificou a sua atitude, que obedeceu—disse—ao proposito de permanecer na Internacional e na grande massa do partido.

«Além disso — acrescentou — estou muito cansado de sustentar lutas, e depois deixam-me completamente só».

Falou depois o delegado alemão, que disse haver necessidade de preparar uma frente unica e lembrou aos delegados do centro a ideia de se organisar um unico partido comunista francês capaz de ajudar a revolução alemã, que ainda está para os nossos dias.—(Especial).

Poincaré e Guilherme II

PARIS, 21

Poincaré escreveu o prefacio para o novo livro intitulado «Introdução aos quadros de historia de Guilherme II». O sr. Poincaré declara que esses quadros não contêm mais do que nomenclatura, datas, afirmações breves e categoricas e vagas referencias a documentos conhecidos e artigos de imprensa esquecidos, dissimulando mal os ardüos esforços de uma tese mentirosa.—(H.)

O problema do Oriente

PARIS, 20

Respondendo a lord Curzon ácerca da organização da conferencia da paz com a Turquia, o sr. Poincaré advogou a urgencia da reunião e declara aceitar a data de 13 de novembro, em vista da crise inglesa, e dá a sua adesão á escolha da cidade de Lausania para séde da conferencia.—(H.)

TEATRO SÃO LUIZ
— Companhia de opereta —
ARMANDO VASCONCELOS
Verdadeiro sucesso — A opereta italiana em 3 actos, musica de Bettinelli
MISS ISSIPI
Protagonista: Ausenda de Oliveira
Linda musica — Admiravel desempenho — Magnifica encenação

TEATRO APOLO
A REVISTA FANTASIA
CIGARRO BREJEIRO
SEMPRE NUMEROS REPETIDOS

TEATRO POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA — TELEF. N. 3028
TEMPORADA PARISIENSE DE 1922
Companhia Francesa de Comedia do eminente actor GABRIEL SIGNORET — Direcção Rothkoff
Desde hoje até 20 de outubro acha-se aberta nos escritorios da empreza das 14 horas ás 18 a assinatura para 8 RECITAS todas com peças em primeira representação—A' escolha entre o seguinte reportorio: Petite Reine — Commedienne L'autoritaire — Les Noveaux Riches — La 8ème femme de Barbe Bleu — Le Bonheur de ma femme — Kiki — La volonté de l'homme — L'ingenu — La pelerine ecossaire — Les amants de Sagy — L'Ecole des Cocottes — etc., etc. — No acto do pagamento do seu logar o assinante indicará por escrito 3 peças que dentro do reportorio prefere vêr, de modo que, reunida a opinão dos assinantes prevalecerão os votos da maioria. — GABRIEL SIGNORET, o grande actor francês, deve estrear-se a 26 ou 27 de outubro

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. N. 3028 A's 21,30
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
GRANDIOSO SUCESSO
A DAMA DAS CAMELIAS
com PALMIRA BASTOS no papel de Margarida Gautier

TEATRO SALÃO FOZ
Emp. A. Emauz — Telef. 4354 N.
HOJE ás 21 h. HOJE
O ÁZ
— NOITE DE GARGALHADA —
— ULTIMO SABADO —

EDEN-TEATRO Telef. N. 3800 — ás 21,15 —
HOJE
como sempre, a bela peça policial de GRANDE APARATO
O Crime do Cochicho
Três horas de pérmanente gargalhad

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA DE HOJE

O GOVERNO

REUNIRÁ AMANHÃ EM BELEM

sob a presidencia

do chefe do Estado

O conselho de ministros reune ámanhã de tarde em Belem sob a presidencia do chefe do Estado. Atribue-se grande importancia politica a essa reunião. Segundo crêmos ficará definitivamente esclarecida apóz êle a situação do governo e a atitude que este deverá tomar perante o parlamento. Disseram-nos hoje que o sr. presidente da Republica conferenciará antes de seguada feira, isoladamente com alguns dos principais representantes dos partidos republicanos da oposição.

A melhoria do cambio, que hoje se acentuou, tendo sido feitas muitas operações, estando a libra a oitenta escudos, está creando ao governo uma atmosfera que lhe permitirá continuar no poder, auxiliado pelas proprias oposições, visto que, dentro destas, a despeito das naturais irritações partidarias, predomina o bom senso e o mais elementar bom senso aconselha agora, mais do que nunca, um espirito de concordia.

***

Admirados ficarão os jornais que quasi desmentiram o nosso informe que dava o sr. Magalhães Lima como indicado para fazer parte da futura vereação, quando lhes dissermos que o proprio directorio do P. R. P., na reunião de ontem, apontou o nome do velho republicano para esse fim. Isto prova que o *Diario de Lisboa* não inventa informações. E se elas muitas vezes se não confirmam é porque a politica actual muda de intenções de minuto a minuto.

Julgamos não errar afirmando que tambem foram indicados para a eleição os seguintes nomes: drs. Nunes Loureiro, Lima Basto, Herculano Galhardo e Ferreira Pinharanda.

Na proxima terça-feira reunem as comissões paroquiais com a comissão municipal do P. R. P. e só então será definitivamente elaborada a lista.

Até lá, porque o partido deseja que sejam vultos de destaque os futuros vereadores, far-se-hão «demarches» para que os correligionarios indicados aceitem a sua inclusão na referida lista.

***

A's 13 horas de segunda-feira reabre o Parlamento e tudo leva a crêr que haja numero. Aos deputados que estão fóra de Lisboa foram hoje enviados telegramas solicitando a sua comparencia.

***

Mais uma nota interessante sobre eleições municipais:

O sr. Portugal Durão declinou ou vai declinar o convite para fazer parte da lista democratica, porque tenciona ir á Africa no principio do ano que vem.

O "JEANNE D'ARC" NO TEJO

CUMPRIMENTOS

O comandante do cruzador *Jeanne d'Arc* cumprimentou hoje o sr. ministro da Marinha, e autoridades superiores da armada, saudações que em seguida foram retribuidas, pelo sr. ministro, em cujo nome foi a bordo o respectivo chefe do gabinete, e pelo major general a quem o cruzador prestou as honras da ordenança.

TEATRO DE S. CARLOS

COMPANHIA BERTA DE BIVAR — ALVES DA CUNHA

Direcção artistica de CARLOS SANTOS

QUINTA-FEIRA, 26 de Outubro de 1922

1.ª representação da peça historica de grande espectaculo em 4 actos, verso original de Silva Tavares

VASCO DA GAMA

Recita de homenagem aos heroicos aviadores GAGO COUTINHO e SACADURA CABRAL, que assistirão ao espectaculo «Vasco da Gama» — ALVES DA CUNHA Reaparição do actor Carlos Santos

O 2.º acto a bordo de uma autentica caravela tripulada por 100 marinheiros - Bilhetes á venda

O CASO DO DIA

OURO E CAMBIOS

O "Diario de Lisboa"

entrevista o antigo ministro das Finanças sr. Peres Trancoso

O decreto, a que o *Diario de Lisboa* se referiu, da iniciativa do governo, e que — segundo se diz — aumenta a percentagem do ouro, rendimento de exportações e reexportações, que tem de ser entregue ao Estado, está pronto e deve sair na segunda-feira.

Procurámos informações directas junto do sr. ministro das Finanças, não só para bem esclarecer o publico, mas tambem para, d'uma maneira exacta, exercermos o proposito livre a que nos demos de acompanhar a politica financeiro do governo.

Inutil proposito. As horas do sr. ministro das Finanças são incompativeis com as dos jornais da tarde, que preferem bem informar-se a inventar ou dar curso a boatos.

Parece não restar duvida que o governo se encontra no proposito de aproveitar, tão sabiamente quanto lhe é possivel, o desafogo financeiro relativo de que tem beneficiado ultimamente.

O certo é que o cambio tem melhorado, e tudo leva a crêr que assim continue a suceder, havendo até quem espere ver o cambio fixar-se, muito breve, na casa dos cinco.

Uma oportunidade coloca-nos deante do sr. Peres Trancoso, homem publico que, pela circunstancia de ter sido ministro das Finanças, pode dar uma opinião pessoal revestida de mais autoridade.

— Concorda com as medidas do actual governo, no que respeita ao imposto de rendimento, moeda estrangeira, das exportações.

Sim, senhor. Eu tive esse decreto pronto quando fui ministro no gabinete Maia Pinto.

— Porque não foi assinado?

— Chegou a ir á assinatura. Não foi lei porque houve receios de que com ele fossemos acusados de ditadura. Mas. . .

— Mas. . .

— Mas a minha opinião é de que os atuais diplomas a este respeito são incompletos.

— Porquê?

— Porque se referem apenas á exportação continental. Devem com justiça incluir a exportação colonial. E' notavel o que daí nos adviria. Cacau, copra, oliaginosas, borracha, assucar, e tanto mais, que se exportam pelas duas costas, dariam uma segurança de cambiais ao Estado.

— Mas...— fizemos nós.

— Diga, diga...

— Mas não poderia o governo ser acusado de proceder violentamente? Já o é?

— Sem rasão. Pelo contrario. Desde que uma excessiva falta de confiança, antipatriotica mesmo, punha os exportadores fora dos seus deveres, e daí criando embaraços de ouro ao Estado, o Estado defendeu-se. Mais nada. O rendimento da nossa exportação sobe a 15 milhões de libras. Pois o Estado pouco beneficiava, quer economica quer financeiramente.

— Acha que o governo faz bem em aumentar o deposito obrigatorio?

— Sim. Embora só se aproveite do que fôr possivel. Acho mesmo que deve ficar com a faculdade de recolher todo o ouro.

— Mas não escassearíam os escudos para a conversão, que tem de ser imediata?

— Não sei. Se o governo, como se diz, não tem escudos, (que hesitação) que aumente a circulação fiduciaria, visto que possui ouro bastante.

— Mas...

— Ou que faça correr o papel estrangeiro. Olhe que isto de toda a gente guardar escudos pode ser, e é, um sintoma de confiança. Paradoxal que pareça.

— Em resumo?

— Penso que o Estado deve encaixar todo o ouro e fornecê-lo, ou dispôr dele. Os escudos apareceriam logo. Só em Espanha deve haver cerca de 200.000 contos, só em notas de conto de réis.

— Quanto parece renderá o imposto sobre transacções?

— Nem o ministro o sabe. Tenho ouvido 120.000 contos. E' possivel. Mas é um imposto indirecto sôbre o consumidor. E os impostos indirectos são os peores.

— Confia na melhoria cambial?

— O governo tem uma oportunidade de fazer qualquer coisa. Como as coisas vão não, mas creio firmemente que o cambio vá até á casa dos 7.

— Já? Não acha muito?

— Pelo menos ha de fixar-se a 5 ou a 5 e meio.

E fechando:

— Oxalá. Tenho para mim que nenhum país atravessa uma crise financeira tão grande mas tão artificial.

NO PALACIO DE BELEM

O EMBAIXADOR DO BRASIL ENTREGOU HOJE AS SUAS CREDENCIAIS AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

O novo embaixador do Brasil em Portugal, sr. dr. Cardoso de Oliveira, entregou hoje as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica.

A cerimonia revestiu-se da solenidade protocolar, sendo particularmente afectuosas as palavras que o novo embaixador dirigiu ao Chefe do Estado.

O sr. dr. Cardoso de Oliveira chegou ao palacio de Belem ás 17 horas, acompanhado pelo chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros e pelo 1.º secretario da embaixada, em carruagem da presidencia da Republica, que foi escoltada por um esquadrão de cavalaria da guarda, de grande uniforme. A' entrada do palacio, a guarda de honra foi-lhe prestada por um batalhão de infantaria da guarda, com a respectiva banda, que tocou os hinos brasileiro e português.

O sr. dr. Cardoso de Oliveira foi recebido pelo chefe do protocolo da Presidencia da Republica, que o acompanhou á Sala Dourada, onde era aguardado pelo Chefe do Estado e pelo governo.

O novo embaixador do Brasil fez em seguida a entrega das suas credenciais, tendo proferido um discurso notavel e altamente honroso para o nosso país.

E' minha legitima aspiração — disse o ilustre embaixador — magna honra e supremo contentamento para um velho diplomata, no ultimo quartel da sua movimentada carreira, por diferentes regiões do Globo, sentir-me ungido pela insigne investidura de portador de afectos de familia á casa dos seus maiores.

E' o que para mim significa a entrega da carta que me acredita junto do sr. presidente da Republica na qualidade de embaixador extraordinario e plenipotenciario dos Estados Unidos do Brasil.

O sr. dr. Antonio José de Almeida agradeceu as boas palavras do sr. dr. Cardoso de Oliveira, tendo-se demorado depois algum tempo em afectuosa palestra com o novo embaixador.

Administradores de concelho

De Vila Franca escreve-nos pessoa que muita consideração nos merece palavras de justiça para o administrador daquele concelho sr. Abilio Salreu, salientando a sua linha de conduta honesta e a energia serena com que resolve os mais complicados assuntos. Quando das festas anuais daquela vila não houve a minima perturbação de ordem, nem se registaram roubos.

O *Diario de Lisboa*, sempre disposto a exaltar os que bem procedem, regista este exemplo, que deveria frutificar.

A NOSSA MARINHA

O "TAMEGA"

FOI HOJE LANÇADO AO TEJO

com a assistencia

do chefe do Estado

Realisou-se hoje a cerimonia do lançamento ao mar do destroyer *Tamega* com a assistencia do chefe do Estado, oficiais do exercito, da armada e muito povo.

Dentro do Arsenal, junto á prôa do *Tamega*, foi armada uma tribuna destinada ao sr. Presidente da Republica e aos membros do governo.

Em frente da tribuna, formou uma força de aspirantes da armada, sob o comando do 1.º tenente sr. Ferreira de Castro, que prestou as honras militares ao chefe do Estado. A' porta do Arsenal estava uma força da armada sob o comando do segundo tenente Saraiva.

Pouco depois das 14 horas, chegaram o sr. Antonio Maria da Silva, os ministros da Guerra e da Justiça, general sr. Abel Hipolito, comandante da guarda republicana general sr. Vieira da Rocha, comandante da guarda fiscal sr. coronel Aguas, comandante da 1.ª Divisão do Exercito, sr. general Roberto Baptista, governador civil de Lisboa, ministro da Marinha, dr. Augusto de Castro, major general da armada, director do Arsenal do Exercito, etc., etc.

Das janelas do edificio das construções navais, vistosamente ornamentadas com bandeiras, o pessoal do arsenal e suas familias assistiam ao lançamento do *Tamega*. Em cima dos telhados, tambem se viam muitas pessoas.

A's 14,40, o capitão de fragata sr. Lamego, dá o primeiro sinal, por meio dum apito, aos operarios que devem cortar as espias que em numero de 20 amparam o *Tamega*. Todos os operarios correm para o local.

O sr. dr. Antonio José de Almeida, acompanhado dos membros do governo e dos comandantes militares, dirige-se para a tribuna, ao som da *Portuguesa*.

A cerimonia é rapida e cheia de simplicidade. O chefe do Estado, depois das espias cortadas, empurra o *Tamega*, que deslisa dos estaleiros, suavemente, para a agua, entre vivas e palmas da multidão que é numerosa. O *Tamega* encontrava-se lindamente ornamentado com flores e verdura.

A' porta do Arsenal fazia o serviço de policia uma força de cavalaria da guarda Republicana.

A Caixa de Pensões do Pessoal do Arsenal de Marinha, distribuiu um soneto dedicado ao *Tamega*.

O cruzador 'Republica'

vem a caminho de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 21

O comandante do cruzador *Republica* ofereceu um almoço de despedida ao consul português, tendo-se trocado brindes entusiasticos. O capitão de fragata sr. Oliveira Musanty pediu ao consul que transmitisse ao povo carioca os seus agradecimentos pela hospitalidade carinhosa que lhe foi dada, bem como aos oficiais e aos marinheiros do seu navio.

N. da R. — Este telegrama acrescentava que o *Republica* tinha levantado ferro para Macau, o que não é verdade, pois vem a caminho de Lisboa, conforme já noticiámos, o que ainda hoje nos foi confirmado no gabinete do sr. ministro da Marinha.

Cisneiros de Faria

A tripulação do "Carvalho Araujo" ofereceu-lhe um cofre de prata

As praças do cruzador *Carvalho Araujo*, ofereceram ao sr. Cisneiros de Faria, comandante deste barco, um lindo cofre em prata cinzelada, como prova de amisade e reconhecimento pelas suas qualidades de oficial destemido e valente.

O sr. Cisneiros agradeceu reconhecido a homenagem que os seus subordinados lhe prestaram.

LEI DO INQUILINATO

Divorcios e inventarios. Consultas e todos os assuntos de advocacia com seriedade, rapidês e economia. RUA GARRETT, 80, 2.º (CHIADO). Telef. C. 5..6